

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

Fabiana Ventura de Brito dos Santos¹

Simone Feliciano da Silva de Sá Braz²

Marilane Ferreira Confort³

Resumo

O presente trabalho acadêmico aborda a influência da mídia no comportamento da criança nas fases da primeira e segunda infâncias. Ademais, também foram discutidas algumas indagações, colocadas de modo a repensar como a mídia pode ser utilizada a favor da aprendizagem significativa do público alvo em estudo. Além disso, buscamos subsídios para agregar no cotidiano das famílias novas posturas e ações para que tenham consciência e suporte ao lidarem com os bombardeios da multiplicidade de distrações do mundo digital, os quais podem trazer consequências trágicas no desenvolvimento infantil, dentre eles: o consumismo exacerbado, o estresse familiar, o isolamento social, a ansiedade, a obesidade, a indisciplina, entre outros. Para dar suporte ao nosso trabalho, foram utilizados teóricos de pensadores como Piaget, Vygotsky, Maria Augusta Rossini, Shirley Steinberg, Joe Kincheloe e Mário Sergio Cortella.

Palavras-chave: Tecnologia. Comportamento Infantil. Mídia. Escola.

THE INFLUENCE OF THE MEDIA IN THE PROCESS CHILD'S SOCIAL FORMATION

Abstract

This academic paper addresses the influence of the media on children's behavior in the early and second childhood stages. Besides, some questions were discussed, designed to rethink how the media can favor meaningful learning for the target audience. Besides, we seek subsidies to add new attitudes and actions to families in their daily lives to be aware and supportive in dealing with the bombardment of the multitude of distractions in the digital world, which can have tragic consequences on child development exacerbated consumerism. , family stress, social isolation, anxiety,

¹Graduada em Pedagogia pelo UGB/FERP

²Graduada em Pedagogia pelo UGB/FERP

³Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial pelo CENSUPEG.

obesity, indiscipline, among others. To support our work, we used the following theorists: Piaget, Vygotsky, Maria Augusta Rossini, Shirley Steinberg, Joe Kincheloe, and Mario Sergio Cortella.

Keywords: Technology. Childish behavior. Media. School.

Introdução

Na sociedade é muito comum que as crianças tenham acesso às novas tecnologias desde a mais tenra idade, visto que seus responsáveis, na maioria das vezes, estão na maior parte do tempo ausentes de suas atividades cotidianas.

No entanto, sabe-se que a mídia é utilizada como instrumento de manipulação, a qual pode influenciar a formação social do indivíduo. Daí a preocupação dos profissionais da Educação diante dos novos hábitos adquiridos pela nova estruturação familiar.

A autora Maria Augusta Sanches Rossini pontua também sobre a tecnologia como serviço no ambiente familiar e na educação formal, exercendo influência na vida do ser humano, motivo pelo qual devemos repensar que o período da infância é extremamente importante no processo de formação social do sujeito, dessa forma, os pequenos devem vivenciá-la de forma tranquila, prazerosa e em um ambiente estimulador, tendo como base a afetividade e o diálogo, para resgatar a convivência familiar.

Esse artigo, então, pretende investigar quais os meios midiáticos que influenciam no comportamento dos discentes, que os levam a ter comportamentos inadequados que não são próprios de sua idade e analisar junto com os mesmos e os responsáveis programas que interferem na sua formação social.

Como objetivo geral dessa pesquisa, pretendeu-se investigar os fatores que interferem no comportamento das crianças através da influência da tecnologia, e como objetivos específicos procuramos identificar ações pedagógicas que possam contribuir de maneira positiva no meio social que este sujeito está inserido; conhecer os malefícios trazidos pelo uso inapropriado da mídia e analisar o que a Pedagogia Cultural pode favorecer ao ser interligada à Pedagogia escolar.

Além disso, os incisos do artigo 221 da Constituição Federal garantem os direitos a uma programação de qualidade que respeite os princípios institucionais (GUIMARÃES, 2019). Segundo Canela (2009, p. 241), “assim é preciso desenvolver sistemas regulatórios mais precisos para a proteção dos direitos de crianças e adolescentes a partir do que é veiculado pela mídia”.

Desse modo, torna-se relevante que essa avalanche de informações trazida pela mídia seja questionada e desconstruída, quebrando as certezas inculcadas em seu discurso mascarado.

A abordagem utilizada para a realização deste projeto foi a bibliográfica qualitativa baseada na interpretação de diversos autores, bem como a análise de suas ideias. Utilizamos como tipo de pesquisa a de campo, onde foram coletados dados em duas escolas urbanas da Rede Municipal de Barra do Piraí, além de observações e questionários.

Desse modo, buscamos, através das convicções do nosso público alvo e nos diversos cenários onde participam ativamente do que se refere ao assunto em questão, dados que levarão à análise, discussões e aprofundamento para embasar o nosso artigo científico. Utilizamos também como recurso a pesquisa bibliográfica, na medida em que fizemos uso de livros e artigos científicos na busca de informações para o aprofundamento do tema.

Em um primeiro momento realizamos a leitura do material direcionado aos nossos objetivos para a compreensão do perfil do sujeito contemporâneo, bem como a influência da mídia em seu comportamento, tendo como principais atores: as crianças, adultos com os filhos e profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Rossini, (2011, p.11) “vivemos em uma época na qual as mudanças ocorrem de forma cada vez mais acelerada, principalmente por causa da velocidade com que o conhecimento e as informações chegam até nós”.

Uma frase de Júlio Ribeiro, em sua obra “Fazer acontecer”, ilustra nosso momento social: “Antes o maior sobrepunha ao menor. Hoje o mais rápido se sobrepõe ao mais lento”. Neste turbilhão vertiginoso e acelerado nos deparamos com o ser humano preocupado em escolher caminhos e direções à procura de referências sólidas, significativas e verdadeiras.

Tais pensamentos refletem a nossa realidade atual principalmente ao que diz respeito à forma como as nossas crianças têm vivenciado a infância, quando ao invés de brincarem e interagirem, passam horas diante dos meios midiáticos como a televisão, tablet, computador, celular, etc.

Diante disso, nós como profissionais conscientes da educação, devemos tomar como uma de nossas atribuições, abriremos os olhares de nossos alunos, bem como os de seus responsáveis, pois sabe-se que a infância é um momento crucial na construção da identidade do sujeito.

Desta forma, precisamos despertar a capacidade de análise dos nossos educandos desde a primeira infância, para que consigam interpretar e compreender o que está por trás das imagens e textos disseminados pela mídia, ao passo que seus responsáveis também devem ser alertados através de reuniões, palestras e convocações individuais.

Influência da tecnologia – Crianças de 0 a 6 anos, segundo Piaget

Diante do contexto histórico social que estamos vivendo, no qual ocorrem mudanças velozes, sobretudo na área da educação, em que a presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de aprendizagens e comunicação, percebemos em nosso dia a dia que as crianças sofrem as influências da mídia a todo o momento, o que reflete em alterações comportamentais, acentuando uma emergência no modo de mediar o conhecimento dos nossos discentes.

Com a presença deste novo paradigma das tecnologias da informação e comunicação nas escolas, faremos um estudo nas fases da primeira e segunda infância, as quais compreendem as crianças de zero a seis anos, para entendermos o comportamento das mesmas diante dessa avalanche de ferramentas digitais que estão ao alcance de suas mãos.

Para tanto, tomaremos como base a Concepção Interacionista de Desenvolvimento de Jean Piaget, na qual é afirmado que é na interação da criança com o mundo físico e social, que as características e peculiaridades desse mundo

vão sendo conhecidas. Além disso, para cada criança, a construção desse conhecimento exige elaboração, ou seja, o modo como elas agem e reagem aos acontecimentos do cotidiano.

Portanto, a partir dessa corrente teórica, confirmamos o modo como os meios midiáticos podem influenciar tanto de maneira positiva, quando estes são mediados por um adulto, no intuito de levá-los a analisar e refletir sobre as informações recebidas, quanto negativamente quando os pequenos fazem uso dos mesmos com independência, criando sozinhos, hipóteses acerca do mundo a partir de modelos predefinidos.

Segundo Piaget, o desenvolvimento humano passa por quatro estágios distintas: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e a operatório-formal. Vejamos como se caracterizam as fases da primeira e da segunda infância, o modo que cada indivíduo está inserido nesta etapa e reage diante das ferramentas digitais.

A etapa sensório-motora vai do nascimento até, aproximadamente, os dois anos de idade. Nela, o sujeito baseia-se exclusivamente em percepções sensoriais e em esquemas motores para resolver seus problemas, que são essencialmente práticos, através do contato e manipulação de objetos. Nesta fase, considera-se também que a criança ainda não possui pensamento, embora já apresente uma conduta inteligente.

Os esquemas sensório-motores são construídos a partir de reflexos inatos, usados pelo bebê para lidar com o ambiente, os quais vão modificando e tornando-se mais complexos e maleáveis com a experiência, o que lhes permitem estabelecer ligações entre fatos.

A forma como a criança vai transformando sua atividade sobre o meio, faz com que ela construa e organize suas primeiras noções de mundo, em que a afetividade e a inteligência caminham lado a lado. Dessa forma, percebe-se que nesse processo, torna-se importante, a participação de adultos para lhes direcionar, pois os mesmos precisam tomar consciência de seus atos, de modo a contribuir de maneira positiva para ações que ocorrem no mundo.

As crianças dessa faixa etária apresentam dificuldade em discriminar os programas que elas assistem, podem ser ou não relevantes para sua convivência social. Simplesmente veem vídeos, a maior parte do tempo em que estão em casa,

de maneira aleatória, sem a supervisão de seus familiares, enquanto estes estão assoberbados com seus afazeres, embora os responsáveis devessem compreender que os computadores; celulares; a televisão, etc., não podem cumprir a função de babá eletrônica de nossos pequenos.

Segundo pesquisas, os ruídos dos programas, fazem com que os pequenos interrompam o tempo de suas brincadeiras e sua atenção fica afetada, o que acarreta em prejuízos para os seus processos cognitivos como: a memória; compreensão da leitura, além de trazer atrasos no desenvolvimento da linguagem.

Já a fase pré-operatória, abrange as crianças de dois a sete anos e possui as seguintes características: aparecimento da linguagem; pensamento egocêntrico (não aceita outro ponto de vista, atribui seu desejo a coisas externas) e animismo (atribui vida e pensamento aos objetos); é o período do faz de conta e do jogo simbólico; há também o pensamento da transdedutividade, ou seja, não entender um fato particular (como se faz na dedução).

As crianças desta fase possuem enorme dificuldade tanto para elaborar leis, princípios e normas gerais a partir de suas vivências, como: julgar, apreciar ou entender a sua vida cotidiana a partir de princípios gerais.

Nesta fase, elas ficam mais livres para usar os equipamentos tecnológicos da forma que quiserem, e seus pais não impõem limites e regras o que pode causar problemas não só para os nativos digitais, mas para toda família, os mesmos precisam de modelos de comportamentos diante dos objetos midiáticos.

A atenção no desenvolvimento deste sujeito deve ser redobrada, visto que sua inteligência se torna mais previsível, onde ocorrem questionamentos, como por exemplo: “Os meus pais ficam o tempo do todo do no celular, por que eu também não posso ficar?”

Isto quando os filhos não sabem compartilhar seus dispositivos tecnológicos, eles brigam entre si, os responsáveis perdem a paciência para resolver os conflitos entre eles e logo partem para o consumo de outro aparelho.

Percebemos diante desses fatos, a dependência do jogo ou da rede social, com a dificuldade para interromper o uso; o aumento do isolamento social; o nível baixo nos rendimentos escolares; impulsividade problemas para lidar com os seus sentimentos e as regras impostas.

Portanto, o nosso olhar se faz necessário, pois o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial das crianças está sendo extremamente afetados, sem que os adultos consigam diferenciar os malefícios e os benefícios dos meios midiáticos.

Tecnologias e mídias - Referências históricas

As novas tecnologias de informação e comunicação começaram a desenvolver-se em meados do século XX, no período conhecido como Terceira Revolução Industrial ou Revolução Informacional, propriamente dito, entre os anos de 1950 até os nossos dias.

A Terceira Revolução Industrial foi marcada pela dispersão de conhecimentos tecnológicos e científicos na área industrial, onde se aliou o saber e a pesquisa em prol da produção em massa de bens e serviços, pensando sempre na amplitude dos lucros.

Ao longo da história os meios de comunicação ficaram ao alcance das pessoas, mas uma das consequências da expansão das mídias foi a divisão de classes, pois muitos não poderiam ter os artefatos surgidos na época, devido a sua condição econômica. Dessa forma o autor Vygotsky afirma que as máquinas que surgiram durante a industrialização começam a interferir na vida do ser humano:

Os instrumentos permitem atuar sobre o ambiente. Ampliam o alcance dos sentidos e da ação. Ao mesmo tempo, o próprio uso das ferramentas que vai desenvolvendo influi nos modos de raciocinar, atuar, perceber e pensar o mundo e a si mesmo. (VYGOTSKY, 1988, p.103)

Contudo, percebemos que os meios midiáticos trazem ao longo do tempo grandes utilidades para vários ramos de atividades, podendo se destacar nas indústrias, no comércio, no setor de investimentos e na educação. Entretanto através da prática em sala de aula, observamos que a informação e a comunicação através de aparelhos tecnológicos se tornam também meios de aprendizagens necessários para o público alvo em estudo, porém notamos que causam influências negativas nas relações humanas.

Marta Scheimberg e Edith Litwin comentam a respeito das tecnologias de informação e comunicação:

No início do terceiro milênio, participamos de uma explosão científica e tecnológica que abre possibilidades extraordinárias para o conhecimento, a criação e o desenvolvimento; que interconecta o mundo numa rica e complexa trama de inter-relações, onde a informação cumpre a função estruturante e contribui para o estabelecimento de um mundo globalizado e interdependente. Informação implica comunicação. E vice-versa. Educação implica comunicação. E vice-versa. (SCHEIMBERGN; LITWIN, 2001 p. 39)

Sendo assim, o processo histórico e a influência de alguns instrumentos midiáticos de informação e comunicação provocaram mudanças na vida dos indivíduos não só de maneira lucrativa, mas contribuindo para facilitar a comunicação mais rápida entre locais distantes.

A respeito dos processos de interação entre as pessoas, no decorrer do tempo foram caracterizando-se nas seguintes formas: inicialmente por meio da impressão de livros, depois de jornais, revistas, porém nem todos usufruíam desses meios, pois as crianças de classes baixas da área rural tinham pouco ou nenhum acesso a elas, já as classes mais favorecidas possuíam diversos exemplares de livros com contos literários riquíssimos de grandes autores, e ainda tinham uma convivência maior com seus familiares no momento da contação de histórias, em ambientes aconchegantes de suas casas.

Hoje, os pequenos têm acesso a sites onde podem assistir histórias com várias aplicações visuais em diversos recursos midiáticos no seu ambiente familiar, mas nota-se que o diálogo entre os integrantes deste grupo se torna cada vez menor ao passo que a informação ocorre a todo o instante.

A Revista Presença pedagógica, relata de maneira positiva o uso do livro digital na escola com a mediação de professores:

[...] A escola tem uma equipe especializada em tecnologia educacional que dá suporte aos professores para o uso do material. Com as turminhas de educação infantil, por exemplo, os professores utilizam recursos multimídia para orientá-los sobre os cuidados com a higiene. Além disso, as animações ajudam no processo de

desfralde das crianças menores [...] Em 2012, os alunos e os professores do Colégio Dante Alighieri do estado de São Paulo, estavam familiarizados com o livro digital [...] Através das tecnologias digitais de informação e comunicação, alunos e professores cumprem o currículo proposto pela secretaria, mas de um jeito bem diferente do convencional [...]. (PRESENÇA PEDAGÓGICA, 2014, p. 46)

Quanto aos jornais impressos, percebemos sua importância em nossa prática na sala de aula, ao utilizarmos para trabalhar os gêneros textuais, a leitura e a escrita, enquanto alguns grupos de pessoas defendem que este periódico deixará de existir com a chegada dos jornais on-line, os quais possuem as seguintes características: interatividade, capacidade de armazenamento de informação, apelo visual, entre outras. Portanto, não são todas as crianças que terão acesso aos os jornais on-line, além disso, as que têm ficam presas mais às imagens apelativas do que à leitura de textos extensos na tela do computador.

Em sequência com o surgimento do rádio, sabe-se que os pequenos não tinham o acesso à manipulação desse objeto, de maneira que os mais velhos escolhiam a emissora a ser ouvida.

Logo com a mudança de cultura comportamental da sociedade, a liberdade de ter um fone para ouvir o que quiser desde a primeira infância ocorreu com a criatividade do homem de aprimorar cada vez mais as tecnologias, desta forma começaram a realizarem outras atividades com este aparelho, em contato com uma das partes do seu corpo - o ouvido. Hoje, muitos fazem deste produto um lazer, porém algumas pessoas escutam músicas altas demais o que pode levar à perda da audição.

O site do Programa Bem-Estar da rede Globo, faz um alerta sobre este problema:

Falta de cuidados, muita exposição a som alto explosões e uso constante de fones de ouvido pode causar perda irreversível da audição, segundo a otorrinolaringologista Tanit Sanchez. O volume máximo pode causar prazer a algumas pessoas, mas de acordo com a pediatra Ana Escobar, essa sensação passa rapidamente e o que fica é a destruição das células auditivas. (BEM-ESTAR, 2012)

Percebemos então que tudo que é utilizado de forma desmedida pode gerar malefícios à saúde, mas agregar estes meios de comunicação e informação de maneira correta possibilita o desenvolvimento no campo da expressão oral dos indivíduos em estudo.

Outros inventos surgiram gradualmente, a televisão, o telefone, o computador etc., com base científica e técnica, sendo considerados meios influenciáveis, onde o homem aperfeiçoou sua capacidade de relacionar-se e aprender de maneira formal e informal, e nossas crianças como podemos observar em nosso dia a dia, realizam múltiplas tarefas nestes aparelhos, sejam elas grandes ou pequenas, muitas vezes, com mais facilidade que os adultos, porém dedicam muito mais tempo com elas do que brincando de maneira saudável ou interagindo fisicamente com seus pares.

A televisão no Brasil surgiu em 18 de setembro em 1950, com a inserção de diversas emissoras como: Record, SBT, Rede Globo, entre outras. Estes aparelhos, mesmo com as telinhas apresentadas ainda com as cores preta e branca passaram a ter programas de interesses para as crianças, sobretudo com a programação dos desenhos animados, e por consequência, diminuía cada vez mais, as brincadeiras nos quintais e nas ruas próximas as suas residências, apesar de alguns deles apresentarem bons conteúdos.

Conforme comenta a Revista Crescer:

As crianças de antigamente nem sonhavam com o que hoje é comum em mais de 16 milhões de lares brasileiros: programações exclusivas para elas. Com a chegada da TV a cabo no Brasil, vieram também canais como Discovery Kids, Gloob e Cartoon Network, este último no país há 20 anos. Não havia uma segmentação, toda a programação era mais generalista. Hoje existem canais direcionados para faixas etárias específicas, além daqueles segmentados até por gênero, diz Kiko Mistrorigo, um dos criadores da animação Peixonauta e vice-presidente da Associação Brasileira de Produtores Independentes de Televisão. [...] Existe uma preocupação de transmitir noções de comportamentos saudáveis, sustentáveis e valores positivos, como respeitar os amigos, não mentir, não ser consumista e preservar o meio ambiente. (REVISTA CRESCER, 19 de dezembro de 2013, p.4)

Com a atualização da TV, segundo diversas pesquisas sobre o público alvo em estudo, passam horas frente a este meio midiático e, por vezes acabam

substituindo o convívio familiar e atividades físicas, trazendo efeitos negativos para a saúde, pois ficam durante todo o seu tempo ocioso frente às telas e, com isso, apresentam baixo rendimento escolar.

Outra implicação que alimenta as discussões sobre a influência da televisão na formação da personalidade do sujeito gira em torno da questão do aparecimento de comportamentos agressivos. O autor Costa (2000, p.45), dá um exemplo de um ato brutal em que um garoto de 9 anos que esfaqueia uma menina de 7, e o mesmo afirma que agiu inspirado no filme “Chucky um brinquedo assassino” que havia visto na TV uma semana antes.

Mesmo que a televisão possa ampliar a visão de nossas crianças e aguçar a curiosidade, levando a questionamento de assuntos que são apresentados neste suporte, alguns programas que são direcionados ao público infantil que destacam a violência transmitem modelos de comportamentos negativos, por exemplo, a falta de perplexidade na agressão que são demonstradas nas cenas entre os personagens na TV e transferência até mesmo do seu afeto para este objeto tecnológico.

A autora Angela Biaggio traz também um parecer em relação aos modelos de comportamentos que são transmitidos através do meio social:

As crianças aprendem não apenas o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que veem ser feito por outras pessoas. Enquanto antigamente os modelos eram quase exclusivamente os pais e os membros mais íntimos da família, atualmente os modelos são fornecidos amplamente pela comunicação de massa (jornais, revistas, cinema e especialmente, a televisão). (BIAGGIO, 2015, p.169)

Mais tarde, por volta de 1981 foram criados os primeiros protótipos de computadores pessoais, sendo que a Rede Mundial de Computadores - a Internet foi desenvolvida em 1990 pelo cientista da informática, físico e professor britânico Tim Berners-Lee, fato este, que é considerado um marco da evolução tecnológica.

A partir daí, pessoas do mundo inteiro estão interligadas por meio de informações e comunicação em tempo real, além de outras facilidades advindas desta tecnologia, como as compras em lojas virtuais, por exemplo, as quais trazem comodidade e economia aos consumidores.

E em meio a este impulso de evoluções tecnológicas, estão nossas crianças, as quais sofrem consequências extremamente prejudiciais ao seu desenvolvimento de forma holística, conforme afirmam Eisenstein e Estefenon:

O mundo virtual vai, progressivamente, confundindo os seus limites com o mundo real no cotidiano de crianças e adolescentes. A internet, o telefone celular e muitos novos equipamentos de tecnologia da informação vão transformando os comportamentos e as formas de se relacionar com a família, com os amigos e com as novas possibilidades de viajar pelo mundo sem sair de casa. Mas, também, surgem novos riscos à saúde para a geração da era digital, devido ao excesso de horas no uso do computador, deficiência de sono e hábitos alimentares, e hábitos sedentários, queda do rendimento escolar, pornografia e pedofilia on-line. (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011, p. 42 - 52)

Diante disso, confirmamos que além dos estímulos positivos que o computador e a internet podem proporcionar sob a supervisão de um adulto consciente, esses meios midiáticos também podem ser responsáveis por uma série de malefícios no desenvolvimento das crianças.

No entanto, traçando um paralelo desde a época da criação dos computadores e a internet, verificamos que a inserção da criança neste universo nem sempre foi tão permissiva, como ocorre atualmente, ela foi acontecendo gradativamente, como afirma Guerra:

As crianças da geração atual (ou Z, com datas de aniversário a partir da segunda metade da década de 90) nasceram na era dos computadores, tablets, smartphones e, principalmente, da internet — algo com que as pessoas da geração anterior só puderam ter um contato maior no início da adolescência. O primeiro efeito disso, todo mundo sabe: essas crianças possuem uma maior facilidade e um rápido aprendizado quanto ao uso das tecnologias. (GUERRA, 2019, p. 2)

Porém, apesar das crianças dessa geração terem facilidade para lidar com as novas tecnologias desde muito pequenas, adquirindo assim, diversas habilidades importantes nos dias atuais, é preciso estarmos sempre atentos para que haja um equilíbrio na formação de hábitos que certamente serão levados para a vida adulta.

Assim como aponta a Happy Code, que oferece cursos para crianças na área da tecnologia e inovação:

[...] essa nova geração tem muita facilidade com o mundo digital e dominam as novas tecnologias, porém, é necessário que além de apenas utilizarem essas ferramentas, as crianças também explorem as possibilidades desse novo mundo em que é possível criar, desenvolver habilidades pessoais, ajudar a sociedade e uma infinidade de outros caminhos [...]. (HAPPY CODE, 2019, p. 2)

Porém, o computador foi sendo substituído por algo bem mais atrativo e de fácil transporte, o celular, que traz diversas funções e recursos.

O celular foi criado por volta de 1983 por William Lee, pesquisador de telecomunicações da Universidade de Nova York, e foi difundido no Brasil a partir de 1990. Muito além dos computadores e tablets, esses aparelhos também têm sido objetos de desejo dos pequenos cada vez mais precoce, que, muitas vezes, chegam a trocar um brinquedo para tê-los como presentes em datas especiais. Porém, ao abordarmos esse assunto, temos que pensar que as crianças são seres em desenvolvimento, as quais dependem, em parte, de exemplos adultos para a formação de seus costumes, dessa forma os pais, por meio de seus comportamentos, também são responsáveis por elas adquirirem essa cobiça por esse dispositivo. No entanto, nem sempre eles têm consciência disso, como aponta a médica Luci Pfeiffer, coordenadora do programa de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Dedica) em uma entrevista a Gaúchazh:

[...] É uma violência que os pais não percebem que estão cometendo. Não percebem que o celular vai continuar lá, que a piadinha do WhatsApp vai continuar lá, mas que a criança vai crescer e que, de repente, não vai mais dar tempo de fazer o estímulo. Esse é o alerta da campanha. Porque uma criança se desenvolve para os pais. Quando a gente brinca com o bebê, ele olha para nós e sorri. Se eu paro de sorrir, ele para também. Ele vai fazer uma gracinha, vai evoluir, vai tentar a primeira palavra nos imitando, para satisfazer o desejo dos pais do seu desenvolvimento. Se tenho pais que deixam de brincar, que deixam de estimular, o que eu tenho é uma violência que causa dano ao desenvolvimento da criança. (PFEIFFER, 2017, p.2)

Dessa forma, percebemos que atualmente, muitos pais acabam não aproveitando o tempo que têm livre de suas tarefas profissionais ou do lar para dialogarem com os filhos, ou para propiciarem brincadeiras onde as crianças possam se movimentar, interagir com seus semelhantes e fazerem descobertas de forma saudável, o que acaba por acarretar problemas de ordem física e emocional.

Luci Pfeiffer caracteriza esse desamparo dos pais os seus filhos em decorrência do uso do celular, entre outros dispositivos, como violência virtual e questiona a falta de diálogo entre os mesmos:

[...] As crianças sentem que estão sendo trocadas pelas telas. Infelizmente, é cada vez mais comum. Sou pediatra e psicanalista de crianças e tenho um consultório que sempre era muito barulhento, com crianças brincando, pais conversando, dizendo "não faça isso ou não faça aquilo". Hoje tenho essa sala em silêncio. Quando abro a porta para chamar um novo paciente, o que vejo é um pai ou uma mãe com seu celular e a criança com outro. Posso dizer que isso representa 80% dos meus pacientes em primeira consulta, porque depois eles vão ter uma orientação. (PFEIFFER, 2017, p.3)

Mesmo assim, pesquisas apontam que é cada vez maior o número de crianças que utilizam o celular para navegarem na internet ou para o acesso a jogos, com frequência, conforme aponta uma pesquisa da Revista Época Negócios, publicada em setembro de 2018:

O número de crianças e adolescentes que usa a internet apenas pelo celular cresceu. Segundo a Pesquisa TIC Kids Online divulgada hoje (18), o percentual de jovens entre 9 e 17 anos que acessa a rede somente pelo telefone móvel chegou em 44%. No levantamento anterior, com dados de 2016, o índice era de 37%. (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2018, p.7)

A mídia e o consumismo infantil

Atualmente, vivemos em meio a um turbilhão de informações e propagandas instantâneas que contribuem para uma sociedade cada vez mais consumista e imediatista, onde se pensa e valoriza mais o que tem em detrimento do que se é, ou

seja, as pessoas querem e fazem de tudo para se apropriarem de múltiplos objetos muitas vezes desnecessários, somente para que os outros admirem, como se isso fosse lhe agregar um status superior ou um sentimento de pertencimento ao grupo dos que ostentam e fazem questão de se exhibir, principalmente através dos meios midiáticos, e em meio a tudo isso, nossas crianças vão formando seus hábitos e personalidades.

Crianças pequenas são especialmente suscetíveis aos artifícios da publicidade. Identificar-se com os modelos é uma parte natural de seu desenvolvimento social e emocional. Esses laços emocionais conferem uma força particular às mensagens publicitárias que as crianças veem na tela, devido à sua crença na “amizade” e “boa vontade” do mensageiro. (ARMSTRONG e CASEMENT, 2001, p. 144)

Isso ocorre porque as crianças encontram-se em fase de desenvolvimento de seus aspectos físicos, emocionais, sociais e intelectuais, e, portanto, ainda não estão hábeis para discernir sozinhas, o que é bom ou ruim para si próprias, além disso, nem sempre conseguem estabelecer uma diferença entre o real e o imaginário.

Diante disso, percebe-se que a mídia acaba tomando como artifício a manipulação cada vez mais precoce dos pequenos, através da disseminação de anúncios divulgados por diversos dispositivos tecnológicos, os quais estão expostos a todo o momento, visto que até mesmo os pais os incentivam a permanecerem frente às telas, de modo a ganharem tempo para a correria do cotidiano, além disso, muitos tentam suprir, de certa forma, suas ausências, comprando-lhes os produtos da moda. Como afirma Michael Rich, professor e especialista nas interações de crianças com mídias diversas, da Universidade de Harvard, ao ser questionado pela Folha de São Paulo sobre o uso das tecnologias cada vez mais cedo pelas crianças, publicado na Revista eletrônica Pontocom:

O problema é que os pais dão essas ferramentas para as crianças não porque elas precisem ou saibam usar, mas por causa da pressão social e das próprias crianças. Os filhos dizem “eu quero um iPhone porque todos os meus amigos têm um”. Assim como você pensa em quando deve mostrar para uma criança o que é uma serra

elétrica, deveria considerar quando e como vai apresentar a televisão, a internet, os celulares. (RICH, Michael, 2011, p. 2)

Desta forma, fica claro que os pais não pensam ou ignoram os malefícios que a exposição descomedida das crianças à mídia pode causar em sua formação social e desenvolvimento em geral, pois o fato de almejam e conseguirem ter um artefato somente porque o outro tem leva ao acúmulo de materiais supérfluos, o que estimula o consumismo demasiado e alimenta o capitalismo.

Com isso, as empresas lucram cada dia mais e, por conseguinte se empenham em produzir um maior número de publicidade direcionada aos infantes, pois sabem que devido às mudanças de comportamentos sociais ocorridas nos últimos tempos, as crianças têm grande influência nas compras da família. Assim, essas agências conquistam hoje seus consumidores do futuro, ao aprisioná-los de forma alienada fazendo com que sintam a necessidade constante de consumir no intuito de obterem momentos de satisfação e contentamento.

Portanto, as crianças passam a acreditar que a felicidade está associada ao ato de comprarem sempre o que desejam, o que gera muitas vezes, desequilíbrios na harmonia familiar, pois os pais nem sempre possuem poder aquisitivo para satisfazerem, de imediato, o que anseiam.

Por conseguinte, notamos que ocorre uma influência abusiva das agências de publicidades em suas propagandas, pois no momento em que são lançados novos produtos sempre de forma atrativa pelos meios midiáticos, as crianças passam a ser um alvo mais fácil, e assim começam a apresentarem comportamentos negativos o que contribui para a formação de cidadãos compulsivos e irresponsáveis.

Contudo, a preocupação dos pais e educadores deve ser de uma formação cidadã e menos consumista, onde se pensa em preservar o meio em que vivemos. Devemos então assegurar os direitos fundamentais de nossas crianças ao informar à família e a comunidade através do Estatuto da Criança e do Adolescente, alertando para o fato de que o desenvolvimento, físico, mental, moral, espiritual e social, devem ser garantidos em condições de liberdade e de dignidade. Portanto, vale ressaltar que a Resolução nº 163, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do adolescente (CONANDA), publicada no dia 4 de abril de 2014 traz em

seu texto importantes considerações sobre a forma em que a publicidade tem sido direcionada às crianças:

[...] a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente, assim considerada aquela cuja intenção é persuadir o público infanto-juvenil ao consumo de qualquer produto ou serviço, usando para tanto de expedientes que explorem sua vulnerabilidade, imaturidade, ingenuidade e/ou susceptibilidade à sugestão, decorrentes de sua condição de pessoas em desenvolvimento [...]. (CONANDA, 2014)

Enfim, sabemos que desde o nascimento os seres humanos são influenciados pela sociedade, pelos modelos e exemplos e, sobretudo hoje, com o progresso das tecnologias de informação e comunicação. Diante destes fatos faz-se necessário que as pessoas ligadas à educação formal e informal, saibam mediar nossas crianças no seu processo de desenvolvimento de forma holística, levando-as através do diálogo, a refletirem sobre assuntos contemporâneos, dentre eles, a demanda do consumismo exacerbado difundido pela mídia, para que assim, valorizem e aprendam a consumir de forma consciente.

Em meio às consequências trazidas pelo consumismo ao público em questão, estão: a obesidade infantil, erotização precoce, individualidade, estresse familiar, banalização da agressividade entre outros. Portanto, vale à pena refletirmos sobre as emergências que envolvem nossa realidade:

[...] todos que desejam agir sobre o mundo, [...] para contrabalançar ou combater a ação dos que dominam, devem se questionar seriamente sobre a questão do bom uso das mídias. Não é o caso de recusar as mídias, mas de se perguntar como utilizá-las sem se deixar usar por elas. (Anais do EVINCI- UniBrasil, Curitiba, p.355)

Novos olhares e questionamentos serão importantes para o processo de formação da infância de forma saudável diante dos efeitos da mídia ao contribuir para o consumo desenfreado, principalmente na postura da família, dos professores, e da sociedade, que em geral devem ser exemplos ao consumirem de forma mais sustentável frente aos pequenos, pois para o autor Mário Sérgio Cortella, em uma entrevista à Revista Galileu da Rede Globo, “a mídia tem, sim, influência no estímulo

ao consumo, mas não é a única culpada. A escola e até mesmo a família podem exercer esse papel”.

O papel da escola

Sabemos o quanto a mídia pode influenciar a formação da criança em inúmeros aspectos de seu desenvolvimento, seja na área social, física, emocional, ou intelectual, pois hoje em dia, elas passam grande parte de seu tempo livre em frente às telas, e o que é pior, sem a supervisão de um adulto, onde a partir de links de seu interesse, muitas vezes, acabam sendo levadas a acessar conteúdos inapropriados a sua faixa etária, o que tem causado transformações no período da infância, conforme apontam Steinberg e Kincheloe:

A mudança na realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformou drasticamente a infância. (...) Textos recentes sobre o assunto, tanto na imprensa popular quanto na escolar, falam em “perda da infância”, “crianças crescendo muito rápido” e “terror das crianças no isolamento dos lares (...)”. (...) A crise da infância contemporânea pode significar, de várias formas, tudo o que envolva, de algum modo, o horror de enfrentar sozinho o perigo. (STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p. 13 -14)

Dessa forma, as crianças vão formulando suas visões de mundo e construindo formas de encarar os problemas, muitas vezes sob falsos modelos preestabelecidos na programação dessas máquinas, que apesar da inteligência artificial que lhes são atribuídas, jamais terão as experiências da vida como base para a solução das dificuldades encontradas, daí a importância de exemplos físicos na vida da criança, pois: “Aprender envolve a construção de modelos a partir dos quais formamos ideias sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia. Esses modelos mudam através de um processo de experiência e reflexão.” (ARMSTRONG; CASEMENT, 2001, p. 197). Sendo assim, sem a presença da família, as crianças veem na publicidade dirigidas a elas nos mais diversos meios midiáticos a qual têm acesso, um porto seguro, capaz de consolar, orientar e exemplificar, contribuindo decisivamente na formação cultural dos indivíduos através da alienação social.

Portanto, o diálogo com a família é extremamente importante no processo de desenvolvimento da criança, o problema é que com as mudanças na estrutura familiar da contemporaneidade essa responsabilidade vem sendo adiada dia após dia, e assim, o conceito de infância segue mudando em seus significados e atribuições. Segundo o que comentam Steinberg e Kincheloe:

Não há dúvida de que a infância está mudando, muitas vezes como resultado de seu contato com a cultura infantil e outras manifestações mais adultas da cultura média. [...] Uma vez que os pais não vão muito longe no controle das experiências culturais dos filhos, eles se distanciam do seu papel tradicional de moldar a visão de mundo e os valores dos filhos. Na década de 1920, [...] com a proteção da infância firmemente estabelecida, as crianças tinham poucas experiências por que passar fora tanto da supervisão dos pais [...] desde os anos 50, mais e mais experiências dos nossos filhos são produzidas por corporações - não tanto por pais ou mesmo, pelas próprias crianças. Programas de TV, cinema, (agora na TV a cabo), videogames e música (com fones de ouvido que lhes permitem se isolar dos adultos) são agora o domínio privado das crianças. (STEINBERG; KINCHELOE, 2004, p. 32)

Assim, percebe-se que o perfil de família da atualidade se difere muito do que era no passado, onde as crianças eram acompanhadas de perto em seu crescimento por familiares adultos, vistos como modelos na formação de hábitos e atitudes, porém hoje, na maioria das vezes, os pais trabalham fora e o tempo disponível nem sempre é dedicado a elas, devido ao excesso de compromissos profissionais, sociais e com os afazeres domésticos, os quais acabam consumindo esse período. Desse modo, as crianças se veem na maioria das vezes sozinhas dentro de suas próprias residências, mesmo estando na companhia de seus familiares, e assim acabam tomando como exemplos as atitudes de seus pares, nos demais grupos sociais do qual estão inseridas. Observa-se então, que essa nova realidade remete à instituição escolar uma emergência na mediação do conhecimento, pois segundo a Psicologia da Educação:

[...] a tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais. Entretanto, a

escola é a instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças e até mesmo de adultos. (DAVIS; OLIVEIRA,1994, p.23)

Diante de todas essas mudanças, os pais dividem com a escola a responsabilidade de conduzir as crianças em suas trajetórias de infância, por isso, seus profissionais da educação veem em seu cotidiano, novos desafios além da preocupação com o ensino. Em consonância com o que diz Rodrigo Vinícius Sartori:

[...] ser professor implica conviver, nos dias atuais, com desafios constantes, severos e que colocam verdadeiramente à prova a vocação para esse trabalho: há de se concordar com quem diga que ser professor é para quem nasceu para isso. O panorama tecnológico e o cultural, juntos, embora não representem a totalidade dos aspectos envolvidos, têm hoje um peso tal que acabam quase por ofuscar os demais (como valorização da profissão, mercado de trabalho, qualidade de vida, etc. [...]) (SARTORI, 2018, p.12)

Então, para lidarem com tais desafios, cabe aos professores e demais profissionais da educação se equiparem de conhecimentos para conseguirem driblar os empecilhos surgidos no cotidiano e buscarem novas estratégias a fim de estabelecerem um elo com as famílias e assim resgatar a infância de nossas crianças, bem como os valores sociais que vem sendo esquecidos ao longo dos anos. Os autores Pileti e Praxedes citam Habermas para confirmarem essa ideia: “No mundo contemporâneo, como nos ensina Habermas, a construção das identidades depende de um processo ininterrupto de aprendizagem de normas e valores e da capacidade de reflexão que os agentes passam a desenvolver para a vida em sociedade.”

É certo que ultimamente os professores requerem novas competências para conseguirem prender a atenção dos alunos em suas aulas, pois agora eles sabem que ele não é o único detentor do saber acerca dos conteúdos ministrados, devido ao fato de que todos têm acesso às respostas rápidas por meio da internet. Dessa forma, fica claro que na atualidade, lecionar vai muito além de ministrar aulas seguindo à risca as matérias e seus conteúdos preestabelecidos, o docente precisa se inquietar em motivar os educandos e, muito, além disso, trazer assuntos que sejam relevantes e significativos para os mesmos. Pileti e Praxedes novamente

utilizam Habermas para afirmar essas novas atribuições da escola e seus profissionais:

No que diz respeito à programação de um currículo escolar, Habermas considera que, na contemporaneidade, os currículos escolares devem atentar para essa necessidade de flexibilidade, em vez de serem baseados em conhecimentos legitimados pelo costume e pela tradição. Assim, a educação escolar deverá contar com uma programação curricular que tenha como pressuposto a necessidade do diálogo baseado na argumentação livre e na reflexividade estabelecida entre educadores, educandos e seus familiares. (HABERMAS, 1983 apud PILETI e PRAXEDES, p. 102)

Assim, entende-se que dentre as novas competências atribuídas à escola e aos profissionais da educação da contemporaneidade, estão, sem dúvida, a ação comunicativa entre professores, alunos e suas famílias. Além de saber utilizar as novas tecnologias de comunicação e informação, não apenas para entreter, mas sim para fazer links com os conteúdos organizados e planejados em favor da aprendizagem e do desenvolvimento holístico dos alunos. A Revista Nova Escola dá dicas sobre como os docentes podem agregar o uso da tecnologia de maneira positiva para aprendizagem dos alunos:

(...) Uma boa estratégia é apoiar-se nas experiências bem-sucedidas de colegas. No planejamento anual, avalie quais conteúdos são mais bem abordados com a tecnologia e quais novas aprendizagens necessárias ao mundo de hoje podem ser inseridas. (...) Antes de ensinar a atividade em sala, certifique-se de que você compreende as funções elementares dos aparelhos e aplicativos que pretende usar na sala. (NOVA ESCOLA, 20 de junho de 2009, p. 51-53)

Compreender como utilizar os recursos tecnológicos de forma pedagógica é apenas uma das preocupações dos profissionais da educação, pois muito além disso, eles devem procurar entender os danos causados pelo uso inadequado dos mesmos, principalmente na primeira e segunda infância. Pois estudos recentes apontam que o mal uso das tecnologias faz com que a criança tenha dificuldade para dormir, o que pode comprometer seu desempenho nas atividades escolares. Conforme o que comenta o autor Cortella, em seu livro Educação, Escola e Docência - novos tempos, novas atitudes:

O nosso estado de atenção se instala a partir do cortisol, e um dos seus gatilhos é disparado pela luz. Muita gente tem dificuldade para dormir porque fica recebendo a iluminação da TV ou do tablet que leva para cama (...) algumas escolas, assim que as crianças chegam (...) diminuem a luminosidade da sala e são feitos exercícios de respiração. E isso dá uma acalmada. (CORTELLA, 2014, p. 60)

A partir dessa citação percebemos que exercícios de relaxamento antes de iniciar as atividades em sala de aula são também estratégias que podem ser utilizadas pelos docentes, como facilitadoras no processo de ensino aprendizagem, visando sanar alguns dos malefícios trazidos pelo uso excessivo da tecnologia pelas crianças, como: a agitação, a ansiedade, a sonolência e a desatenção.

Outro recurso seria o aproveitamento das reuniões com os responsáveis para difundir temas que sejam relevantes na criação e educação dos filhos, onde se pode ter como base a leitura coletiva de capítulos de livros que os levem a repensarem e terem uma visão crítica sobre o que a tecnologia proporciona através de sites e jogos. Um dos livros que podem auxiliar nesse trabalho é - Família: urgências e turbulências - de Mário Sergio Cortella, o qual aborda alguns dos problemas que assolam as famílias na atualidade, e mais do que isso, traz dicas de como lidar com eles de forma harmônica, sem perder o controle da situação.

Hoje, fala-se também na diminuição do tempo das aulas e na quantidade de tarefas ministradas pelo professor, alternando com atividades diferenciadas a fim de que as crianças não percam o foco. Cortella pontua que:

A Psicologia fez um estudo na área de educação para ver quanto tempo uma criança conseguia focar algo sem perder a atenção. Chegou-se à conclusão de que eram 50 minutos no período diurno e 45 minutos no noturno. Essa pesquisa foi refeita no começo desta década. O tempo médio que a criança presta atenção em algo sem perder o foco é de seis minutos. (CORTELLA, 2017, p.61)

A citação de Cortella nos faz refletir sobre a realidade das rotinas estabelecidas nas turmas de creche, pré-escola e primeiro ano do Ensino fundamental, onde não dá para simplesmente deixar as crianças brincando livremente ou executando atividades mecânicas e repetitivas, pois isso logo se tornará enfadonho para elas, e na maioria das vezes, refletirá em forma de indisciplina, visto que as crianças estão cada vez mais ativas e seletivas. Esta

inconstância no comportamento dos pequenos nos traz à tona uma das variantes trazidas pela evolução tecnológica que tanto afeta nossas vidas nos últimos tempos, sendo assim, os docentes que atuam com essa faixa etária devem ter a consciência de que suas aulas precisam ser dinâmicas, criativas e contagiantes, a fim de cativar o interesse dos alunos.

A metodologia de projetos torna-se uma ferramenta importante nessa jornada pedagógica, que busca conciliar as tecnologias de comunicação de informação ao aprendizado dos alunos, uma vez que essa forma de abordagem atribui maior participação das crianças tanto no planejamento quanto na execução das atividades, além disso, podem partir dos interesses e necessidades que afligem nosso público alvo.

Ademais, mudanças estão ocorrendo no cenário educacional brasileiro, com a implementação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular, um documento normativo para as redes de ensino das escolas públicas e privada, no intuito de reestruturar o currículo e regulamentar as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas. Na parte que corresponde ao primeiro ano do Ensino fundamental, a Base traz a competência Cultura digital, que deve ser aplicada de modo interdisciplinar no planejamento, o qual deve contribuir para desenvolver as habilidades e interligadas as dimensões que são:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética (...) O uso ético: Utilização das tecnologias, mídias e dispositivos de comunicação e dispositivos de comunicação modernos de forma ética, comparando comportamentos adequados e inadequados(...) Comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria (...) A produção de multimídia : utilização de recursos tecnológicos para desenhar, desenvolver, publicar, testar e apresentar produtos para demonstrar conhecimento e resolver problemas. (BRASIL, 2019, p. 31)

Sendo assim, a BNCC agrega como suporte teórico as ações pedagógicas em relação ao uso das tecnologias dentro da sala de aula. Mas, ter uma visão crítica ao adaptar-se às inovações, torna-se necessário, pois segundo o autor Mario Sergio Cortella:

(...) Os processos educativos escolares não devem se adaptar-se as inovações, mas integrar novas formas ao cotidiano. Adaptar é postura passiva, enquanto integrar pressupõe metas de convergência. As tecnologias mais recentes podem fazer parte do trabalho pedagógico escolar, desde que utilizadas como ferramentas a serviços educacionais que estejam claros para a comunidade. Repito: tecnologia em si não é sinal de mentalidade moderna; o que moderniza é a atitude e a concepção pedagógica e social que se usa (...) (CORTELLA, 2014, p.53)

Pesquisa de campo

Na busca de informações e indagações que surgiram durante a pesquisa bibliográfica , utilizou-se como técnica de dados um questionário, possibilitando a amostragem das respostas dadas pelos responsáveis em duas reuniões de pais feitas com as turmas de Jardim II e 1º ano, onde tinha como assunto o uso de recursos tecnológicos, ou seja, de modo a entender o comportamento das crianças nas fases da primeira e segunda infância ao contato com diversos meios midiáticos , empregou-se também a pesquisa de campo.

Para também compreender melhor a realidade e obter ações pedagógicas para o campo educacional, foi utilizado como sustentação teórica, o referencial bibliográfico baseado em autores que abordam sobre o tema.

Resultados e discussões

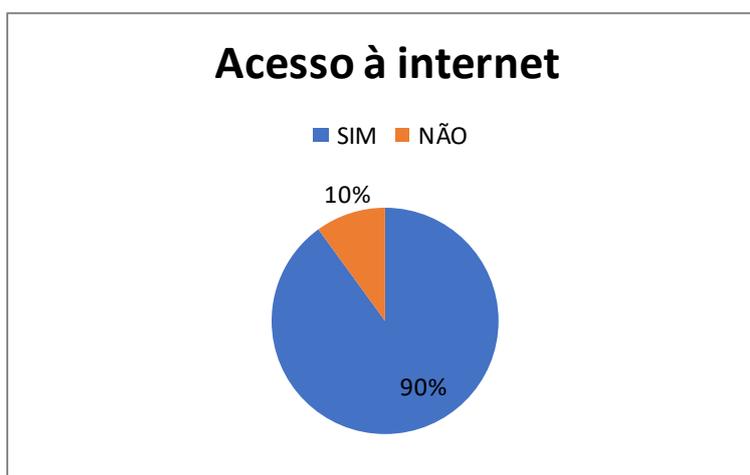
As informações apresentadas a seguir são os resultados do processo da pesquisa realizada com os responsáveis de uma escola da rede municipal da cidade de Barra do Piraí. A escola funciona em dois turnos, atendendo discentes do Ensino Fundamental e da Educação Infantil.

Iniciando a entrevista pergunto-se aos responsáveis como ocorre o acesso do filho na internet, as respostas indicaram no (gráfico 1) 90% que costumam sim deixar a criança acessando a internet sozinha enquanto estão fazendo os serviços da casa , em sua grande maioria os que responderam são do sexo feminino, pois

não possuem um emprego informal , tem grande número de filhos e depende do programa do Bolsa Família e apenas 10% relataram que não , tem medo dos riscos que a internet pode oferecer a seus filhos e que possuem jogos e desenhos animados violentos demais.

Um dos aspectos a considerar dos responsáveis que responderam que não deixam seu filho acessar a internet sozinho, são pessoas trabalham fora, possuem um grau de escolaridade maior e favorecem outro tipo de atividade para a criança enquanto não frequenta a escola, mesmo sendo cuidada pelas mãos de babás.

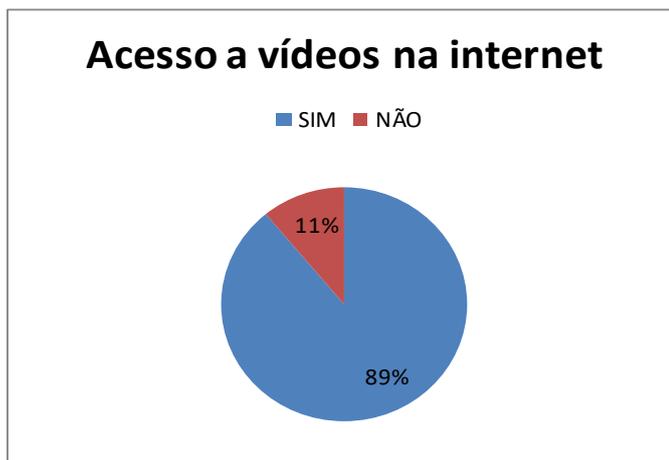
Gráfico 1. Acesso à Internet



Fonte: Arquivo das autoras.

Referente à interrogativa sobre o costume dos pais ou responsáveis assistir vídeos/ canais na internet com o seu filho, foi apresentado no (gráfico 2), que na maioria dos entrevistados 89% não assistem porque não possuem tempo, estão ocupados demais com seus afazeres e alguns deixam a criança em outro cômodo da casa assistindo o que ela gosta , enquanto o adulto fica em outro vendo canais e vídeos de acordo com sua idade. Os 11% que responderam que sim, costumam assistir e dessa forma compensam o tempo que não ficam em casa cuidando de seus filhos.

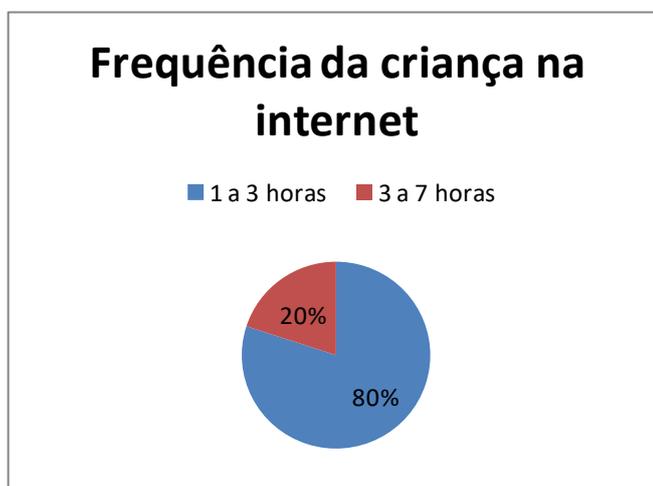
Gráfico 2. Acesso a Vídeos/Canais na Internet



Fonte: Arquivo das autoras.

O uso dos meios midiáticos descreve uma realidade que muda rapidamente o modo de viver das pessoas, inclusive dos nossos pequenos, no entanto se nota que a internet ela pode ser acessada através da TV, celular, computador, entre outros recursos. Portanto, verificou-se que o tempo disponibilizado para assistir e passar na internet são divididos, pois os recursos visuais e programas são chamativos e interessantes para este grupo, estão incluídos em diversos aparelhos. No (gráfico 3), 80% de crianças passam o tempo na internet por volta de 1 a 3 horas, 10% em 3 a 7 horas e 10% a partir das 7 horas.

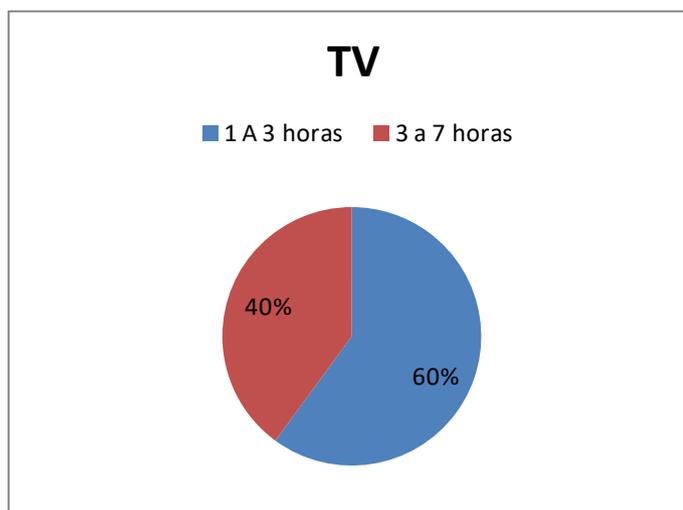
Gráfico 3. Tempo dedicado ao acesso à internet



Fonte: Arquivo das autoras.

Já no (gráfico 4), as pessoas entrevistadas responderam que seus filhos passam: 60% de 1 a 3 horas por dia diante da TV, pois conseguem assistir filmes, desenhos animados, novelas, utilizam jogos interativos acessando a internet na televisão, o restante ficam 40% assistindo até 3 a 7 horas por dia, a resposta foi negativa para os que ficam mais de 7 horas.

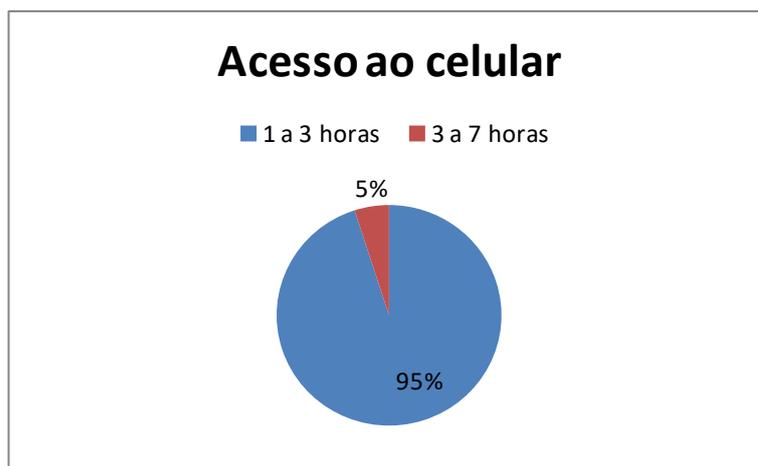
Gráfico 4. Tempo dedicado a assistir TV



Fonte: Arquivo das autoras.

Entretanto, no (gráfico 5) 95% ficam pelo menos 1 a 3 horas por dia no celular assistindo os recursos das mídias audiovisuais, 5% de 3 a 7 horas e na opção mais de 7 horas o resultado foi negativo. Este acesso ocorre no momento que estão viajando de carro ou de ônibus, na sala de espera do consultório médico, no parquinho de diversão, na praça do bairro ou sentados na calçada próxima as suas residências, deitados no sofá da sala ou na cama, os mesmos em sua grande maioria utilizam o celular dos responsáveis, alguns já possui seu próprio celular, adquiriram devido ao comportamento dentro da sala de aula; como presente de aniversário e porquê precisam comunicar com os irmãos mais velhos para saber como estão em casa, relatos feitos por alguns responsáveis da turma de 1º ano.

Gráfico 5. Tempo dedicado ao uso do celular



Fonte: Arquivo das autoras.

Quanto à pesquisa do tipo de atividade física em que esta faixa etária em estudo pratica, não são todos que realizam, mesmo sabendo, que segundo estudos a atividade física infantil protege contra lesões precoces, ajuda no desenvolvimento motor, no controle de peso e aumenta as chances de um futuro mais ativo.

A investigação no (gráfico 6) apresentou as seguintes características: 50% pratica algum esporte na aula de Educação Física que a rede municipal proporciona, por enquanto somente para as turmas do 1º ano e para as turmas de Educação Infantil apresenta com carência de professor, dentre desses alunos os mesmos participam do Projeto de Escolinha de Futebol que fica dentro do bairro. Em relação às atividades ao ar livre, 30% brincam na rua ou no quintal da própria casa, as brincadeiras geralmente são de: pique, queimada, corrida pedalando uma bicicleta e de soltar pipa.

Enquanto, a não pratica de exercícios físicos ficou no quantitativo de 15%, muitos descreveram sobre a violência que ocorre no bairro e o índice de venda de drogas feita pelos adolescentes nas ruas, por isso pela segurança de seus filhos preferem que eles fiquem em casa vendo televisão, manuseando o computador ou celular. O percentual de outras atividades praticadas foi de 5%.

Gráfico 6. Atividades que a criança pratica



Fonte: Arquivo das autoras.

Considerando a pesquisa sobre a compra de produtos da moda anunciados pela mídia, comprovou-se que na sua grande maioria são consumistas em que 90 % compram produtos da moda e 10%, não, mesmo que a renda do provedor da família vem de uma única pessoa responsável que é o homem em que sua grande maioria trabalha na área comercial, outros na industrial e alguns estão desempregados e dependem do Programa Bolsa Família. As mulheres divorciadas trabalham três vezes na semana na casa de outras pessoas, realizando serviços domésticos e o grupo familiar composto com mais de duas crianças.

Gráfico 7. Compras de produtos da moda anunciados pela mídia



Fonte: Arquivo das autoras.

Considerações Finais

É notório que diante das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, a maneira com que as crianças têm sido educadas mudou consideravelmente, pois esta missão já não está somente a cargo de seus pais ou responsáveis legais, hoje elas aprendem com todos os grupos sociais dos quais têm acesso, escola, igreja, grupo de amigos, e até mesmo com a mídia, seja pela televisão ou através das redes sociais na internet.

No entanto, essas “aprendizagens” nem sempre estão adequadas a sua faixa etária, ou pior, são desconhecidas pelos pais, que na maioria das vezes, se ausentam diariamente de seus lares, em busca do sustento da família, deixando as crianças aos cuidados de terceiros, os quais em muitos casos lhes oferecem a internet como forma de acalmá-los, deixando o caminho livre para acessarem os conteúdos que quiserem.

Dessa forma, o que ora é benéfico ao sujeito, pode ser bastante perigoso em outros momentos, principalmente nas mãos daqueles que ainda não possuem a maturidade intelectual e afetiva para compreender determinados conteúdos que são disseminados pela mídia.

Sabemos o quanto a evolução das tecnologias de informação e comunicação facilitou as nossas vidas, pois além de respostas instantâneas, trazem uma série de opções que facilitam o nosso cotidiano, como compras em lojas virtuais, transações em bancos, a comunicação entre as pessoas a quilômetros de distância, uma grande variedade de entretenimento, entre outras.

O problema é que com tudo isso, vem uma avalanche de efeitos colaterais da qual muitas vezes, os pais não estão preparados para lidar, dentre os quais podemos citar o estímulo ao consumismo exagerado, a obesidade, por incentivarem o fast food e contribuírem para o sedentarismo, a erotização precoce, ao tentarem fazer dos pequenos, miniaturas de adultos, individualidade, estresse familiar, banalização da agressividade, etc.

Perante esses desafios estão, os profissionais da educação que buscam diversos recursos e estratégias para estimular a concentração e atrair a atenção dos alunos em suas aulas, pois sabe-se que atualmente, estes precisam saber mediar os conflitos surgidos da interação do grupo, os quais muitas vezes estão atrelados aos novos hábitos adquiridos pelos indivíduos da contemporaneidade, os chamados nativos digitais. Tais costumes podem gerar isolamento, ansiedade, indisciplina, entre outros.

Por fim, confirmamos a partir da Concepção Interacionista desenvolvida por Jean Piaget que a mídia pode sim influenciar decisivamente na formação social da criança, que por aprender a partir das interações físicas e sociais, acabam assimilando modelos comportamentais, muitas vezes interpretados de forma errônea.

Sendo assim, a escola acaba assumindo responsabilidades antes vistas primeiramente como dever da família, e cabe a esta instituição levá-las a resgatar os valores sociais, tão deturpados na atualidade, principalmente através de conteúdos divulgados pelos meios midiáticos, os quais insistentemente tentam inculcar nas pessoas a imagem de que os seres humanos são meros figurantes do cenário desta revolução tecnológica, e que os quais facilmente podem ser substituídos pelos dispositivos tecnológicos.

Referências

ARMSTRONG, Alison. CASEMENT Charles. **A criança e a máquina:** como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BEM-ESTAR, Programa. **Escutar som muito alto pode causar perda irreversível da audição.** Disponível em: <https://www.mg1.globo.com>notícia2012/06> Acesso em: 18 de julho de 2018.

BIAGGIO, Angela M. Brasil. **Psicologia de desenvolvimento.** 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL, Constituição da República Federativa, jurada em 5 de outubro de 1988: Título 8º, artigo 221, incisos 1 a 4. In: GUIMARÃES, Ulysses. **Da comunicação social:** 1988. Brasília: Autores Associados, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos> Acesso em: 5 de agosto de 2019.

CANELA, Guilherme. **Mídia e Psicologia:** produção de subjetividade e coletividade. A tecnologia das mídias: a relação dos sujeitos com os meios tecnológicos de comunicação. 2. ed. Brasília: Liberdade de expressão, 2009.

CODE, Happy. **Crianças têm facilidade para dominar novas tecnologias e explorar as possibilidades.** Disponível em: <https://www.happycodeschool.com/blog/2017/06> Acesso em 02 de maio de 2019.

CONANDA, Conselho Nacional dos Direitos da Criança. **Publicidade e a Comunicação.** Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao> Acesso em: 16 fev. 2019.

CORTELLA, Mario Sergio. **Família: urgências e turbulências.** São Paulo: Cortez, 2017.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma: **Psicologia na Educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, B. Susana. **Geração digital:** riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. V.10. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://revista.hupe.uerj.br> Acesso em 01 de maio de 2019.

GUERRA, Ráissa. **Até que ponto a tecnologia faz mal na infância.** Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/estilo-de-vida/2012/11> Acesso em 02 de maio de 2019.

PILETI Nelson; PRAXEDES Walter. **Sociologia da educação**: Do positivismo aos estudos culturais. São Paulo: Ática, 2010.

REVISTA PRESENÇA PEDAGÓGICA, Minas Gerais, v. 20 n. 116. mar. / abr. 2014.

RIBEIRO, Julio. **Fazer acontecer**. Mato Grosso: Cultura, 1998.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SCHEIMBERGN, Marta; LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional**: política, histórias e propostas. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2001.

STEINBERG, R. Shirley; KINCHELOE L. Joe. **Cultura Infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.